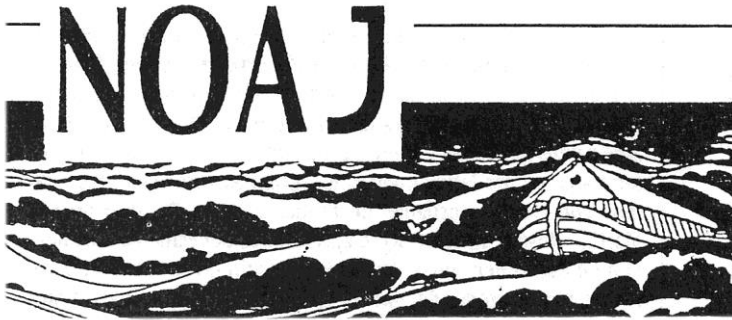




Año III, N°. 3-4, mayo de 1989

Teitelbaum, Celia Igel. Carta de Israel. pp. 59-63

Carta de Israel

Brasileira. Escrevem vários romances e poesias. Publicou em 1983 poesia reflexiva *Passagem Paisagem*.

Carta de Israel

Celia Igel
Teitelbaum

Mamãe hoje é domingo. As pessoas não estão indo a igreja nem se ouve falar da macarronada goi dos cristãos. Aqui se está no ano 5 mil e pouco embora, baixinho, se considere o ano de 1900 e tal omitindo o marco cristão. Não sei como é isso na cabeça vigente e não vi ainda como fazem nas escolas parece que usam a data *deles* ou... nossa? Deles eu ainda não vi muita coisa diferente acontecendo: briga-se, ama-se, compra-se, vende-se, fala-se mal fala-se bem...

Voce, mamãe, sente que a “deles” é nossa? Que a nossa é sua? Esqueco-me muitas vezes de certos compromissos principalmente porque no calendário, vermelho está o sábado é não o domingo. Domingo... “caximbo é de ouro bate no touro e touro é valente bate na gente a gente é fraca cai no buraco o buraco é fundo acabou-se o mundo... Isso é bastante *goi* como você dizia: mas o touro... quem é o touro, e esse valente no touro é uma valentia judia ou é um bobo de um touro que não se fez na vida, não foi ajudado por vocês, de sua colonia como todos os outros seus o são? E este buraco quando acabou-se o mundo é um buraco cristão ou um buraco judeu? e se eu judia me enfio neste buraco ele muda a sua condição de ser? E o caximbo, mamãe, você acha que um judeu usaria um caximbo? Ah isso é coisa de goi... Passa pra la caximbo... caximbo aliás e goisssimo lembra esses pretos velhos “mit heizi” kol falando um português do interior e cusbindo no chão... Mas sabe, mamãe, eu vi um judeu aqui na Rehov Shatz fumando um caximbo. Eu também não sei como é isso; ou o judeu fuma o seu caximbo que é judeu também ou é melhor não pensar mais nesse assunto de identidade Aliás para que ela se afirme nós precisamos um

pouco de futuro. De passado temos muito mas veja, por exemplo, como as coisas não estão tão claras: você pode me dar a ideia como é uma casa judia? Não venha me falar de sua casa aristocrata da Kolomea com sua fabrica de chapéu de seu pai etc etc etc mas na sua casa você poderia me dizer desde a construção até decoração o que realmente era judaico? Que objeto tinha lá dentro ainda que com dois mil anos de vida polonesa judia pudesse ser considerado “casa de judeu”?

As toalhas de linho alemãs? As rendas francesas? Os cristais da Tchecoslovaquia? Nadda disso! nós ainda não temos um modelo proprio de identidade vamos dizer social.

Esses tfilim, Kipá e tal podemos dizer que são nossos mas quando vejo umas coisas esquisitas parecendo uns sinos de igreja por onde saem uns cheiros estranhos um negocio estranho de verdade que são dos sefaraditas e, então, já não podemos dizer que nossas coisas são universalmente judaicas não é? eles, os sefaraditas, também olham nossos *balot* e pensam o mesmo, vem nossa mesa de Pesach e dizem coitados não comem arroz passam fome e nós aprendemos que o arroz é o rei dos *treifs* na mesa de Pesach...

Mas então eu continuo te escrevendo esta carta no Domingo embora já fui trabalhar já voltei e só me dou conta do dia porque considero o meu calendário do Brasil... até que dia você sabe, mamãe? Mas voltando a essa canção do domingo do pé de caximbo e do touro que batia na gente você não achava que ele batia era só na gente mesmo? Sempre me foi passado que devemos ao mundo e sempre merecíamos apanhar. Ou sou eu só ou é só você

ou é o nosso povo todo que tem essa mania persecutoria? Por mais que as psicanálises da vida e os Lacans e tudo o mais entraram por meu inconsciente acho que não logrei de todo esta impressão do povo judeu.

Mamãe: eu tenho uma coisa pra te dizer. Eu teria imaginado que as pessoas depois do Holocausto andariam beijando esse chão. Eu achava que as pessoas olhariam estas flores estes caminhos e seriam absolutamente felizes por estarem de volta.

Eu tive a ingenuidade de pensar que as pessoas viveriam aqui neste estado de graça só por poderem olhar uma flor nascendo da terra... No supermercado eu vejo a comida toda: o sal o peixe o pão o açúcar a farinha: tudo é judeu: o grão de farinha, o papel de embrulhar o peixe o lápis que se faz a conta para pagar a mão que recebe o dinheiro a mão que toca de volta ah.... eu pensei que só por isso as pessoas viveriam o suficientemente felizes Mamãe... eu vejo um compulsivo desejo de guerra. Não vá você me dizer que estou escolada a ver o inconsciente da vida porque trabalho com ele porque vivo sensivelmente porque escrevo porque sou alienada porque sou fantasista porque sou sonhadora porque não sei ver as coisas como são. Como são as coisas mamãe? O que é real o que é fantasia? Para mim a guerra é uma fantasia porque nós a criamos nós a cuidamos nós a alimentamos. A realidade são as flores, mamãe, as árvores, o mel que está no leite a vaca que muge e alguém que perto dela vai ter um filho Mas há uma força compulsiva o tempo todo buscando os perseguidores! Porque nos sentimos nesta constante ameaça? Isso é real mamãe, isso não é uma criação?

Porque esse vício sempre de nos parecermos perseguidos? Te pareço kitch falando assim? Essa estória você já a ouviu muitas vezes não é mamãe? EU/NÃO! É a primeira vez que sinto esse permanente ato compulsivo vivo de guerrear e lastimar cercar-se de oi vei oi vei oi vei

Quando eu subo a cidade de Jerusalem no silêncio da noite e devagarsinho aparece uma luz aqui outra ali e de repente toda a cidade de Jerusalem esta a um palmo do meu coração que beleza mais perto da loucura é essa! Que paixão desesperada sinto por esses tijolos pelo lixo das ruas, pelas árvores, pelos cachorros, pelos pés que caminham, pela água dos rios, das torneiras, das chuvas, que paixão sinto pela descarga do banheiro, pela água judia que gela na geladeira.

Que paixão fulminante sinto pelos 25 mil homens e mulheres que descem e sobem diàriamente as escadas da Universidade de Mont Scopus. Esta gente está cega mamãe? Esta gente está tão cega que busca como na loucura o objeto de sua ficção?

A guerra é uma criação, mamãe, e os judeus não podem acabar com ela porque ela os justifica.

A minha menstruação acabou eu estou limpa o sangue fétido real e objetivo existiu mas se findou eu agora tenho um corpo iluminado e quero vive-lo inteiramente quero sentir tudo que ha de vivo dentro dele o quanto quero sentir tudo que há de vi vo belo e perigoso nessa santa terra de Israel. O pior há de vir ou não. Eu não conto com o pior ele siquer existe na minha proposta de ser. Ele ha de vir se vier eu não o alimento na calada da noite eu não o faço nem exixtir nem crescer.

Carta de Israel

Eu devolveria o leite eu devolveria a terra porque ainda assim restaria terra suficiente para viver e crescer.

Mamãe eu sei o quanto você “angearbeitet” em mim para que eu fosse uma “judiche meidale”. Eu sei que você me pagou psicanáles viagens, fez manobras na vida para que eu viesse parar aqui em Israel e não na América ou na Alemanha. Eu sei que você sempre me quis ver bem: tendo filhos indo ao clube, aparecendo nas colunas sociais. Eu sei o quanto seria importante para você que eu declamasse poemas suaves nas suas reuniões da Vizo que eu falasse da minha propria vida falasse de Israel com a docura alienada e déjà vu de uma terra de leite e de mel que sempre teria sido o lugar para onde você não foi e sempre teria querido ir. Essa terra onde todos somos irmãos essa terra onde judeu é bom onde você pudesse dizer com prazer que eu não te trai que não me enfiei no mundo católico da perdição brasileira nem me prostitui universidades encaminhando projetos políticos inserindo-me no país possivelmente tendo um amante e não me casado possivelmente vivendo livremente com um católico brasileiro. Eu sei que você fez tudo isso para que eu parecesse **normal** como as pessoas que você conhece que falassem poesia mas que cozinhassem mas que fossem judias de verdade que comprassem roupas bonitas para o Rosh Hashana que fizesse o Brit Mila do primogenito como o *moel* do Rio de Janeiro que viesse ele de avião, que meu marido fosse simpático tivesse olhos azuis de ascendencia polonesa como você que elogiasse 6a. feira a noite seus kichales seus gefiltes fish seus latkes eu sei que você gostaria que eu lesse

sim poesia mas falasse desse tema dessa coisa fantasmagórica e não real, mamãe, desse falso e vulgar amor mediocre pelo pais ancestral esta coisa melodramatica carente da verdade e de claridade que eu falasse novamente mais e mais do meu marido judeu dos meus filhos judeus das festas que você sempre quis que eu fizesse e que suas amigas pudessem correndo anotar na agenda social.

Eu sei que você adoraria ver a pessoa que eu até me esforcei para ser você não vá dizer que eu não escrevi poemas melosos para as revistas da comunidade que eu não fiz os Barmitzvot "*comme il faut*". Mas naquele dia, mamãe, que você presentou-me com essa passagem para a terra dos homens bons. Já não dava mais, eu já teria ido longe demais. Há mel sim mas um mel necessário colher das pedras e do balagan compulsivo desde país. Este outro país que você sonhou e nenhum outro país sonhado existe, mamãe. Voce já ouviu dizer há anos mas você não quer ouvir que aqui também se rouba se prostitui se protege se rouba. Voce tem todo o direito de continuar ajudando alguém daqui sentada na sua poltrana de seda porque eu também ajudo alguém com minha palavra felina mas eu não pude mamãe consagrar seu sonho sionista seu genro de olhos azuis sua ydiche meidale.

Eu só fiz você passar vergonha nesse país; eu também tenho nostalgia da menininha judia que não fui. Eu também não estou "*nicht arrim nicht arrer*" como todo o nosso povo eu também sou impertinente porque você o é e todos os judeus daí e daqui o são

porque nós somos ainda os "voyeurs" do mundo nós somos um tipo de população irregular.

Essa "cossa nostra" que você me mandou buscar aqui não existe mamãe, tardara muitos anos para existir e já não alcançará nem a sua nem a minha geração...

Mamãe! eu estou carregada de palavras em branco você acabe de preenche-las como puder eu tentei tudo mamãe é o unico que posso te dizer é que como pessoa e judia que sou é que não posso e não tenho o direito de ir longe de mim. Se durante todos esses anos os exemplos de vida que te passei não foram suficientes para que você me visse com olhos de gente para gente assim como meus irmãos seus outros filhos se você pudesse saber como nós todos lutamos com todo o desespero para sermos nós e sermos quem você quis que fôssemos talvez você pudesse percorrer do início o caminho e chegar agora aqui ainda que um pouco tarde e reconhecer nas nossas mãos nos nossos olhos nos nossos caminhos por ruas diferentes chegamos onde você quis. De outra maneira.

Mas agora, mamãe, eu vou visitar meu amigo palestino. Quero sentir de perto o cálido calor da inimigo, quero escutar a urina do inimigo descendo a latrina branca, quero subtrair o inimigo que está nele, quero assassinar o assassino que cresci ouvindo que está nele mas provavelmente o único assassinato inerente é o fato de não ter nascido judeu. Quero sugar o inimigo em mim e o inimigo nele até secarmos nossos sangues de milenios de anos. Quero ver a carne branca do palestino sobre minha pele rosada na sacristia do shabat. Quero experi-

mentar de tudo se consigo colher o inimigo como quem colhe uma flor do jardim. quero olhar com meu olho assassino o olho assassino dele e não avistar mais que um olhar de um homem que deseja uma terra um pente uma casa uma canção um aparelho de chá. Quero colocar minha mãos no peito suave do inimigo, desenhar mapas, rios, seduçõs quero seduzir o inimigo ate a embriagues e a loucura. Quero sacar dele o *goi* o *soine* o invasor. Quero sentir na narina o cheiro desde odio e deste amor. quero jantar com o inimigo, sacudir-lhe a poeira, tirar seus sapatos pesados. Quero que ele me aponte JUDEA desautorizado de poder pátrio e eu mirá-lo JUDEA sem terra como ele.

Quero construir minha casa ao lado dele quere acabar com esta bestial e infame guerra, ultra brinquete de homens que não são nem os inimigos nem os passificadores. Quero cerrar o capítulo desta historia infantil de ocupantes e ocupados e quero fazer o amor, ah, o amor, aqui, nas montanhas, embaixo das neblinas, sob os telhados das catedrais, das sinagogas, dos Iom Tovim, do miar dos gatos, do piar dos pombos, do arrastar dos bichos. Quero cruzar a minha pele branca na pele morena do inimigo e não avistar mais fronteiras. Quero ter filhos dele, nascendo sob as figueiras, os pés de romãs, as azeitonas. Quero ve-lo como pessoa humana, cor, movimento sangue.

Quero sacar o inimigo que há nele e o inimigo que há em mim. Quero colocar, depois de Shabat, antes de minha partida definitiva, minha língua em sua garganta, embaixo do monte das Oliveiras!

Você, mamãe, preparou minha mala de viagem — colocou-

me "Honik Leicach" para que eu não passasse fome como sempre, quis que eu apagasse daí minhas lembranças, minha vida, eu me carrego comigo, mamãe, eu não posso mais desistir. Eu atingi na vida este "*point of no return*". Eu vou ficar por aqui, por ai, por ali. Este caminho meu, esta viagem a Israel não tem volta.

Quando eu nasci um anjo torto me disse: vai ser gauche na vida.

21/1/1989
Jerusalem, Israel

